

**Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

Cultura, Colonização e Alteridade no Alto São Francisco.

Gilberto Marcos Martins¹

Resumo: O artigo mostra como se deu o processo de colonização da região do Alto São Francisco. Que representações e visões de mundo tinham os colonizadores e como se relacionavam com o desconhecido, com a alteridade. Mostra como o colonizador ia se tornando colono e sendo tragado pelo espaço do desconhecido através do isolamento em que acabava vivendo, o que o levava a criar um universo bem particular, mas que não lhe tirava a condição de súdito fiel.

Palavras-chave: Colonização – alteridade - imaginário

Résumé: L'article montre comme il a fait le processus de colonization de la région de Haut Saint Francisco. Que representations et visions du monde avaient les colonisateurs et comme ils avaient rapporté avec l'étranger, avec la visage de l'autre. Montret il comme le colonisateur on revient de colon, et en étant avalés par l'espace de l'inconnu à travers l'isolement dans lequel il doit vivre et cela lui portait à créer un univers bien privé, mais cela ne lui délivrait pas la condition de fidèle sujet.

Mots clé : Colonisation – visage de l'autre – imaginaire.

Introdução

Numa colônia cujas fronteiras eram móveis e provisórias, a expansão e as fontes de povoamento eram extremamente importantes. O aventurar-se num sertão inóspito e desconhecido era uma empresa arriscada; muitos o faziam tendo em vista a riqueza rápida que daí poderia advir, mas haviam outras motivações como propagar a religião católica; mostrar poder através da distribuição de sesmarias, exterminar quilombos. O gosto pela aventura e pelo desconhecido tornavam-se elementos comuns dessas empreitadas, também revelavam as representações e os símbolos que regiam o cotidiano daqueles homens.

O que se pretende neste artigo é analisar o relatório de uma expedição feita em 1769 à região do Alto São Francisco e saber quais eram seus reais objetivos, como se relacionavam com o diferente e qual era a sua visão da alteridade.

¹ Mestre em História Social – Coordenador e professor do Curso de História da Fac. Fil. C. e Letras do Alto S. Francisco.

Notícias de uma Viagem: O Outro em Questão

No ano de 1769 realizou-se uma expedição à região das nascentes do São Francisco e vizinhanças, sob liderança de Inácio Correia Pamplona. A presença de músicos e poetas na expedição não deixou de ser uma surpresa. A declamação de versos, poemas e as músicas serviam para abrandar o medo frente ao desconhecido, e a angústia de levar a civilização onde ela ainda não se fazia presente. À medida que a busca do áureo metal se fazia, o espaço geográfico das Minas Gerais se ampliava e a riqueza cultural e artística gerada pelo esplendor aurífero acabava espalhada. Mas ia sendo adaptada em cada paragem à maneira de seus transportadores.

A raridade de habitações fazia-os viajar léguas sem encontrar ninguém. O Alto São Francisco, na segunda metade do século XVIII, estava em um dos pontos mais afastados da civilização, na fronteira com o desconhecido. As poucas fazendas tinham suas divisas indefinidas, confrontavam com matos, rios, córregos e campos extensos que serviam de abrigo para escravos foragidos.

Rumo à nascente do São Francisco, não havia gente de “qualidade”: “Aqui não achamos gente de qualidade alguma, ma(i)s que um pobre velho, que deitava em vezinho retiro(,) compunha-se este sítio de duas casas de capim (...), ameaçada(s) dos tempos para a última ruína”. (ANAIS ..., 1988: 57). O que vem revelar o imaginário dos membros da expedição, para ser gente de qualidade era preciso comungar de seus valores e visão de mundo. Bastava viver isolado e em locais distantes para ser inferiorizado e visto como fora dos padrões de civilidade.

Quanto aos moradores na região do Piumhi, a visão não foi diferente: “Seguiu-se o montarmos a cavalo (...), e mais pessoas, (...) em companhia dos quais chegamos ao mesmo Piuí”. Aqui foi o Senhor Mestre de Campo ver o lugar da capela, “que achou feita corral (sic) de gado se enfadou contra a gente tão bárbara e indômita (...) por não conservarem um templo em o qual tributassem a Deus os devidos cultos”. (ANAIS ..., 1988 : 58). A distância dos centros onde funcionava a administração colonial fazia com que as pessoas também se sentissem afastadas dos valores políticos e religiosos. A falta de atendimento espiritual contribuiu para que a capela se tornasse um estábulo. Essa situação mostra como aos poucos o colonizador ia sendo tragado pelo universo que ele próprio tentava subjugar.

As regras e leis coloniais viram-se afrontadas em um espaço onde a liberdade reinava conforme a vontade dos raros habitantes, isso acontecia não por serem rebeldes, mas

por viverem isolados. Não se tem nenhuma notícia de qualquer tipo de revolta ocorrida na região, o que é um indicador de que aqueles habitantes se viam súditos fiéis, mas a sua maneira.

O poder metropolitano se manifestou na sociedade colonial de diferentes maneiras: na esfera pública, no nível das instituições, e na esfera particular, nas práticas quotidianas (...). A base da dominação era a aceitação generalizada do poder real (...). Por outro lado, a reprodução do poder não se dava sem antagonismos. À medida que a coroa submetia e organizava (...), instituiu uma sociedade, mas esta sociedade não era sua expressão direta e, enquanto procurava forjar uma identidade entre colonizador e colonizado, restava sempre espaço para a afirmação da alteridade. A sociedade colonial não era reflexo direto da ação metropolitana. (FURTADO, 2006: 15-16)

A expedição tinha como objetivo imediato a exploração do Rio São Francisco e da paragem intitulada as Perdizes, “por ser a mais conveniente para a feitura e levantamento da ponte”. As dificuldades eram grandes e assim foram descritas:

A 11 de setembro saímos (...) levando diante de nós bastantes escravos com foices, machados(,) e eixadas, para romperem os matos(,) e abrirem neles picadas e fazerem pontes nos corgos(,) e Ribeirões para poder passar a cometiva, e neste dia(,) rompendo e picando matos com munto trabalho, chegamos às margens do rio de São Francisco, sem cavalo algum, a pé todos (ANAIS ..., 1988: 59).

Iniciou-se a construção de um caminho para facilitar a entrada dos que quisessem povoar aqueles sertões: “despachou o Senhor mestre de Campo(,) várias pessoas para darem princípio a um caminho novo, (...) para ficar mais suave a entrada dos que quisessem povoar”.(ANAIS ..., 1988: 60).

Aparecem pessoas fazendo requerimento de terras e se dizendo moradores nas mediações:

[...] em que pediam a(s) três léguas de terra (;) em cada um deles perguntava(-) lhe o Senhor Mestre de Campo, já que não tinham mandado para a ponte escravo algum, que haviam de mandar para a continuação da estrada nova alguma pessoa, ou para a feitura da capela mor da Igreja da Senhora Santana de Bamboí (;) respondiam que não tinham senão um ou dois negrinhos, que um estava doente(,) e um são, tratando deste(;) dava-lhe o Senhor Mestre de Campo rezão (sic), e de repente lhe variava(,) o assunto da conversa em muito diversa matéria (...) lhe perguntava o Senhor Mestre de Campo(,) se tinha cada um deles com que fabricarem as ditas três léguas de terras(,) que requeriam(...) lhe diziam um tinha oito negros, outro dez, e outro doze. (ANAIS ..., 1988: 64).

O texto anterior mostra que nem sempre a terra era ocupada seguindo os trâmites legais, muitos pedidos de sesmarias eram na verdade uma forma de legalizar a posse já tomada há algum tempo. Pela conversa entre os requerentes e o mestre de campo percebe-se que a verdade quanto às posses dos sesmeiros variava de acordo com a situação. O que coloca em dúvida o que os sesmeiros citavam nas petições.

Enquanto Pamplona se ocupava da construção de pontes, estradas e capelas enviava grupos de homens para verificar a presença de negros, mas não tiveram êxito :

(...) chegou José Cardoso(.) e José Vieira de Faria(.) que eram os capitães capatazes da última bandeira que do sertão faltava de proporem as diligências em que no dito sertão se tinham ocupado com a notícia de negros(.) que tinham morto(.) dos que lhe tinham fugido e de um que trouxeram amarrado (...). (ANAIS ..., 1988: 64-5).

A partir da Serra da Marcela², uma novidade aparece, até aqui os nomes dos rios e dos acidentes geográficos já existiam, mas, a partir daí Pamplona passa a dar nomes a alguns rios.

A região do Alto São Francisco na primeira metade do século XVIII foi ocupada por negros foragidos que se organizavam em quilombos trazendo desalento para os primeiros sesmeiros ali estabelecidos. Realmente alguns infortúnios ocorreram na região: “[...] aquela fazenda era do sargento mor fulano Paulista, que morava em Pioí, (...) com casas de vivenda, (...) Enginhoca de farinha de mandioca, (...) escravos, roças corrais(.) e gados, e que o mudar(-) se dali (h)á vinte e tantos anos foi porque os calhambolas lhe mataram cinco escravos”. (ANAIS ..., 1988: 74).

Não se pode atribuir unicamente aos negros a explicação para o pouco interesse pela região até meados do século XVIII. A mesma possuía atributos que não atraíam o colonizador, entre eles, a falta ouro. A presença de negros foragidos era evidente, mas é preciso questionar se esses redutos de ex-escravos eram realmente perigosos.

[...] marchando para a parte do sertão a explorar os corgos(.) e Ribeirões para ver se tinha ouro, todo esse dia lhe levou na referida deligência, e à noute por ficar mui distante do alojamento se arrancharam(;) ó pé da referida Serra escavada (.) adonde viram muito perto de si(.) e para diversas partes três fogos, e julgando (...) que eram muntos negros que se avezinavam à nossa cometiva(.) reciaram o ir explorá (-) los e reconhecê(-) los por mais que o Mestre de Campo a isso os persuadia (.) sempre lhe replicaram com apresentação de um grande perigo e que os quilombos eram muitos para aquela parte segundo os sinais dos mesmos fogos (...) e que havia para ali quilombo que se compunha de mais de duzentos negros. (ANAIS ..., 1988:71).

Parece mais correto entender que, o medo e um conceito já preestabelecido sobre como era o negro aquilombado criou quilombos extremamente ferozes e ameaçadores, sendo que na realidade não passavam de pequenos grupos de negros, que fugiam sempre que percebiam a presença do colonizador. Na região do Quilombo do Ambrósio, assim se fala sobre os negros, no relato da expedição de Pamplona:

² Parte da Serra da Canastra que fica nas proximidades dos municípios de Córrego Danta, Luz e Dores do Indaiá

Aqui mesmo divulgaram dous homens do campo a notícia de que acharam rastos de negros, que nos andava(m) espreitando(,) deste sussurro se levantou entre o po(u)vo bastante receio, entrando cada qual a marmurar (sic) conforme o valor e cobardia de que era adornado. Nesse mesmo dia nos fomos arrancar a um corgo, que fica perto do mesmo quilombo (Ambrósio), e aí se precipiou engrossar a mormuração do receio dos negros que ficou no ribeirão acima declarado (...) com facilidde se introduziram em todos os mais o mesmo receio e temor. (ANAIS ..., 1988: 68).

Sempre que se aproximavam de um quilombo o encontravam sem ninguém, mas as evidências da presença dos negros estavam ali, no fogo que avistavam ao longe durante a noite, nos vasilhames encontrados, nas roças plantadas e nos mantimentos que vez ou outra eram encontrados em estoque.

Outro objetivo que merece mais atenção é a procura por ouro. Além de promover a ocupação efetiva do Alto São Francisco, Pamplona e seus companheiros estavam atrás de riquezas. “Entrou o Senhor Mestre de Campo a distribuir à gente de sua comitiva(,) a metade para fazerem em todos os corgos e Ribeirões circum vezinhos (sic) (,) miúdos exames (...) para se perceber se haviam algumas mostras de ouro(...)”. (ANAIS ..., 1988: 69).

Referindo-se à região por onde estava passando assim disse o Senhor mestre de Campo:

Que (...) estava em ato de posse naquele lugar, a que tinha vindo por mando do (...) Conde de Valadares(,) governador e capitão (...)das Minas Gerais, para repartir aquelas terras a quem lhas pedir, quem tivesse que requerer o fizesse(,) que o dito Senhor estava pronto para lhe deferir com retidão. (...). A todos satisfez o dito Senhor Mestre de Campo (...) dizendo que a todos dava por empossados naquele ato das paragens que tinham requerido, e (...) que cada um cuidasse em povoar o que tinha pedido(...). (ANAIS ..., 1988: 78).

Tornam-se claras as intenções de Pamplona em sua viagem pelos sertões do Campo Grande, primeiro procurou-se o ouro, investigou-se sobre a presença de quilombos e por fim deu-se início à povoação. A justificativa imediata para tais concessões era “que (...) se não podia avançar mais sertão, sem que primeiro se povoasse aquele, para que os que fossem ficando mais distantes, tivessem nos daquele lugar socorro de mantimentos para com mais suavidade se irem estabelecendo”.(ANAIS ..., 1988: 78).

Enquanto se estabeleciam nas terras que lhes eram concedidas, aqueles homens preenchiavam o espaço que consideravam desconhecido e fora dos padrões de civilização e acabavam tragados por ele. Deixavam de ser colonizadores para se tornarem colonos. Afastados dos centros da administração colonial, passavam a viver segundo suas próprias leis, mas acreditando serem súditos fiéis, pois traziam consigo representações construídas nos locais onde as regras coloniais vigoravam. Os valores da civilização colonial foram penetrando pelo interior da colônia, mas nunca de forma linear e homogênea.

Cultura e Colonização: Fronteiras e Cotidiano

Os valores culturais da sociedade mineradora eram paradoxais nas selvas e campos, onde a sociedade organizada nos moldes coloniais, ainda não existia. Era comum as expedições que iam à caça de quilombos terem seus recitadores de poemas e músicos, além da presença de padres para celebrarem as missas.

O contraste entre o desconhecido e a civilização é marca característica da expedição, mostrando uma face do cotidiano dos caçadores de quilombolas e metais preciosos. Não eram apenas homens destemidos e sertanistas semifacinosos que entravam para o sertão na busca de ouro e escravos foragidos, ou na esperança das sesmarias como recompensa. Com eles vinha toda uma carga de representações e visões de mundo.

A presença de escravos - músicos revela um dos aspectos civilizadores mais intrigantes dessa entrada. Munidos de seus respectivos instrumentos (tambores, violas, flautas transversais, trompas), os músicos a cada amanhecer, tocavam e cantavam suas letras, entoando ave-marias, ladainhas ou Te Deum Laudamus.

assim que os doublés de assassinos de escravos fugidos e descobridores de ouro partiam para a lide diária, embalados pelo som mavioso produzido por outros escravos, que naquele momento mostravam-se cordatos e afeitos ao universo cultural dos brancos. Além da música, também a religião imprimia sua marca no cotidiano incerto. A cada alvorada, junto aos cânticos vinham as missas. (SOUZA, 1999: 119)

Música, missas e preces disciplinavam os homens rudes, desvendando a outra face da truculência “civilizadora” da comitiva³. Por esses atos, era devolvida a dimensão humana a sertanistas às voltas com a barbárie. Ritualizava-se a entrada aventureira dos civilizados nas brenhas habitadas por possíveis inimigos bárbaros e foragidos.

Enquanto uns andavam atrás de córregos auríferos e outros batiam matos na demanda de quilombos, “o capelão confessava homens e batizava crianças, procurando sanar os prejuízos espirituais decorrentes do abandono a que se viam fadados os moradores daquelas fronteiras”. (ANAIS ..., 1988: 83-85).

Mais surpreendente ainda do que a orquestrinha itinerante de escravos negros a tocar instrumentos de sopro e de corda para as bandas da Picada de Goiás, seja a prática igualmente cotidiana de versejar. (...) “Poetas da roça” ofereciam versos “por sobremesa”- pobres, malfeitos, destituídos de maiores preocupações estéticas e acusadores de um gosto duvidoso”. (SOUZA, 1999: 121-2)

³ Antes que um destacamento partisse (...) ouvia missa e, por fim, erguia “a santíssima cruz (...) para ser reverenciada”. (ANAIS da Biblioteca Nacional, 1988: 62). Assim, reeditava-se, nos descampados do Alto São Francisco, a prática lusitana consagrada na circunavegação da África e repetida por todo o império nos cem anos seguintes, do Brasil à Índia. Em nenhum dos dias da jornada se descuidaram os entrantes de rezar o terço ao cair da tarde (...). mais uma vez, reeditava-se na situação de fronteira o providencialismo luso dos tempos da expansão. (SOUZA, 1999: 120-121).

Os conquistadores do Alto São Francisco traziam consigo uma mistura de valores. Esse era o perfil de muitos dos aventureiros empenhados na perseguição a negros e a pepitas de ouro, atraídos pela possibilidade de obter terra abundante, sem maior dispêndio. Movidos por seus sonhos e ambições realizavam o interesse da metrópole, mas acabavam engolidos pelo espaço que tentavam dominar.

É perceptível a tensão entre o desconhecido e o civilizado, uma certa retórica que celebrava a primazia da sociedade organizada sobre a natureza, a idéia de que tesouros haviam permanecido ocultos para se revelarem por meio da ação colonizadora.

Todo esse contexto em evidência revela arranjos culturais complexos e contrastantes, trama variada tecida com tradições díspares. A entrada deliberadamente impositiva de Pamplona consolidava a colonização fronteiriça e, (...), levava a norma ao espaço ainda desordenado do Alto São Francisco; do seu rastro normativo e repressor, (...), iam se destacando práticas menos óbvias e conscientes, referidas ao universo da cultura. (SOUZA, 1999: 124)

Essas práticas serviam para amenizar o semifacinoso dia-a-dia, marcado pela busca de quilombolas, tendo um sentido nem sempre encontrado nas ações praticadas. É intrigante a concomitância do gosto pela música e pela poesia, contrastado com o pânico latente de um ataque quilombola. A aventura e o desconhecido acabavam se tornando sinônimos do processo de colonização e imposição das regras coloniais a uma região até então praticamente fora da administração colonial.

Nas regiões auríferas mais antigas e urbanizadas, brotou a melhor floração do setecentos brasileiro. Isso que nos faz entender, o fato de os colonos mineiros, terem carregado para as zonas de fronteiras (incultas e cheias de negros e índios bravios) hábitos, que sem os quais não podiam mais viver: “Hábitos de polidez e de civilização que, num aparente paradoxo, conviviam e contrastavam com o seu reverso de crueldade, rudeza e exploração”. (SOUZA, 1999: 133)

Vinham dando nomes às serras, aos rios e criando pequenas povoações, que tinham como referência uma pequena igreja. O domínio da região foi fazendo com que o diferente se tornasse cada vez mais comum, pois ia sendo incorporado de forma inconsciente, enquanto se acreditava expulso para lugares longínquos, único espaço onde a alteridade poderia florescer até se defrontar com as normas coloniais.

Perdidas, na imensidão das terras concedidas, iam sendo levantadas capelas. Pequenos vilarejos formavam-se ao redor dos templos religiosos, o que sem dúvida é a marca mais característica da ocupação da região.

CONCLUSÃO

Analisando o relato da expedição de Pamplona pode-se perceber como era o cotidiano de um grupo em missão itinerante de conquista e civilização, que elementos compunham suas vidas e universo. Ao mesmo tempo é possível resgatar a visão que aqueles homens tinham do desconhecido, seus medos e seu imaginário. O outro, o diferente era criado antes mesmo de existir e sempre associado ao perigo. O que criava a fé nos perigos e colocava o desconhecido como ameaça era a idéia de que deveria haver uma grande ameaça.

O êxito da empreitada estava sempre na dependência do domínio do desconhecido. Subjuga-lo equivalia a destruir quilombos, prender quilombolas, distribuir terras, batizar pagãos, criar igrejas e vilarejos, construir pontes e abrir caminhos, enfim, incorporar a região ao império colonial português e ser integrado de forma espontânea e inconsciente ao espaço que se tentava dominar. Nascia daí um universo com representações estranhas às normas coloniais, mas que em momento algum afrontava as regras da colônia .

REFERÊNCIAS

ANAIS da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, v.108, 1988. P. 47-113.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. **O Povoamento do Alto São Francisco: Reforma Agrária numa experiência Histórica**. Revista de História e Arte n. 03, Belo Horizonte, 1963.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro:Zahar. 2001.

FURTADO, Júnia Ferreira. **Homens de Negócio: A Interiorização da Metrópole e do Comércio nas Minas Setecentistas**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Nacional, 1938.

SOUZA, Laura de Melo e. **Norma e Conflito: Aspectos da História de Minas no Século XVIII**. Belo Horizonte : UFMG, 1999.